



DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI



Rosa Moreira

Ao longo destas reflexões que tenho partilhado com os leitores, deixei-me conduzir pelos grandes desafios que a todos nos preocupam e que têm também preocupado e ocupado, algumas das mais importantes Instituições e Organizações Internacionais. As metas e os objetivos que se têm estabelecido são equacionados com o sentido de construir referenciais, percursos e apuramento do sucesso do esforço despendido ao longo das diversas etapas de cada programa de ação. Em todos os desafios que abordamos, considere-os "grandes desafios"! Em qualquer um deles a constatação da necessidade de

mudar atitudes é um pressuposto indispensável. Mas todos os momentos e todos os tempos são de mudança. Mudar implica novas formas de estar, diferentes maneiras de fazer as coisas e de olhar a realidade da vida e do mundo. Mas na base do nosso pensamento e da definição de qualquer estratégia de ação, está aquele que pode ser considerado, de facto, o maior desafio da e para a espécie humana: o da **Dignidade da Pessoa**.

No Preâmbulo da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*¹ considera-se que "o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana (...) é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo (...) do progresso social e de melhores condições de vida em liberdade". No Artigo primeiro da mesma *Declaração* diz-se que "Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir umas em relação às outras com espírito de

fraternidade." Mas o que é afinal a **dignidade**?

A dignidade abrange todos os valores que preconizamos ou defendemos para a existência de **todos** os seres humanos, de todas as pessoas, qualquer que seja a raça ou a cor, o estatuto ou o papel social que desempenha na sociedade. A **dignidade** é um direito e um dever fundamental, e como tal, constitutivo da essência da pessoa, intrínseco a todos os seres humanos. Sem **dignidade** a vida não tem sentido. Onde está o respeito pelo outro quando falamos de violência, de guerra, de discriminação, de falta de verdade, de humilhação, de ignorância, de não direito à vida, de termo à vida, de instrumentalização das pessoas?

A **dignidade** humana não é uma questão cultural. E nenhuma sociedade pode considerar-se desenvolvida ou sustentável se não tiver como fundamento a realização plena, pelo respeito mútuo, de todos quantos a constituem.

O conhecimento, a inovação, a sustentabilidade e a inclusão só são "praticáveis" se o ser humano for considerado um fim em si mesmo, um valor absoluto e reconhecido como tal. Os homens, as mulheres e as crianças, nunca podem ser um meio para o que quer que seja. Saliente: são um valor absoluto.

Só neste reconhecimento da **dignidade** como fundamento da essência dos seres humanos é que a liberdade de pensar e agir podem encontrar expressão. Não uma expressão qualquer, mas a realização plena dos direitos e dos deveres daqueles que são parte integrante (inclusiva) deste universo no qual nos movemos. A liberdade, responsável, de ação, constitui-se como garante da sustentabilidade de qualquer sociedade. A **dignidade** está para além das circunstâncias de qualquer momento da história, pessoal ou coletiva.

A *Declaração Universal dos Direitos Humanos* expressa, de uma forma inequívoca, a relação direta entre a na-

tureza da essência da **dignidade** dos seres humanos e a obrigação do Estado de reconhecer e assegurar o respeito integral pela totalidade da coletividade e por cada um. Este reconhecimento é, ou deve ser, total: antropológico, cultural, social, económico e educacional.

Esta minha reflexão assenta também numa constatação, preocupada, da realidade dos tempos que vivemos onde a "banalização do mal"² parece que vai "iluminando" e determinando as ações humanas: agimos, quantas vezes petrificados em nós próprios ou naquilo que queremos alcançar, sem o sentido dos outros ou instrumentalizando-os. A este propósito, ocorre-me, como imperativo orientador do futuro, o pensamento do filósofo Emmanuel Kant quando diz que: "No reino dos fins, tudo tem um preço ou uma dignidade. Quando uma coisa tem um preço, pode pôr-se, em vez dela, qualquer outra coisa como equivalente; mas quan-

do uma coisa está acima de todo o preço, e portanto não permite equivalente, então ela tem dignidade"³

Gostaria que, com esta reflexão, pudéssemos ficar mais sensibilizados e até esclarecidos do valor que somos enquanto seres humanos. E que desta consciência delineemos estratégias e formas de ação verdadeiras, promotoras da igualdade, da justiça, da solidariedade...da **Dignidade**. Votos de que este seja o maior desafio para o novo ano de 2013!

¹ A *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, foi adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A) em 10 de dezembro de 1948.

² Expressão devida a Hannah Arendt quando fala da sua experiência e trágica vivência das práticas nazis.

³ Kant, E., *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*.